

A docência e o cotidiano da escola pública: influências na saúde mental do professor

Teaching and public school daily life: influences on the teacher's mental health

La enseñanza y la vida cotidiana de la escuela pública: influencias en la salud mental del profesor

Recebido: 24/06/2020 | Revisado: 27/06/2020 | Aceito: 06/07/2020 | Publicado: 19/07/2020

Vanessa Ramos Lourenço

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2249-8164>

Universidade Federal Fluminense, Brasil

E-mail: lalexca36@gmail.com

Geilsa Soraia Cavalcanti Valente

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4488-4912>

Universidade Federal Fluminense, Brasil

E-mail: geilsavalente@gmail.com

Resumo

As situações de conflito do indivíduo com as suas experiências laborativas, como estímulo à competição, cobrança de prazos rigorosos, baixa remuneração e sobrecarga de trabalho, podem levar ao risco de sofrimento psíquico. Neste sentido, observa-se que os docentes sofrem diversas exigências que podem interferir em seu processo de trabalho, graças as adversidades da rotina escolar que afetam diretamente sua saúde mental. A pesquisa buscou compreender as influências da atuação no ensino fundamental na saúde mental do professor. Fizeram parte do estudo 10 professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental de escolas municipais de Niterói/RJ. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, do tipo estudo de caso. Para alcançar os objetivos propostos, foi realizada uma entrevista semiestruturada. A análise dos dados foi obtida com base na análise de conteúdo de Bardin. Os resultados evidenciaram que a profissão docente e o cotidiano escolar, apresentam características que podem afetar diretamente o bem-estar e influenciar a saúde mental deste trabalhador, desencadeando sofrimento psíquico como: estresse, cansaço, fadiga, angústia e desespero. Demonstrou-se, ainda, que as interferências da falta da participação familiar no desenvolvimento humano e escolar dos alunos, influenciam diretamente a dinâmica escolar. Torna-se importante elaborar estratégias de promoção e prevenção da saúde mental, pois esse

fenômeno pode afetar o bem-estar docente, gerando casos de absenteísmos e afastamentos do trabalho.

Palavras-chave: Saúde mental; Saúde do trabalhador; Docente.

Abstract

Conflict situations between individuals and their work experiences, such as encouraging competition, demanding strict deadlines, low pay and overwork, can lead to the risk of psychological distress. In this sense, it is observed that teachers suffer several demands that can interfere in their work process, thanks to the adversities of the school routine that directly affect their mental health. The research sought to understand the influences of performance in elementary education on the teacher's mental health. The study included 10 teachers from the early years of elementary school in municipal schools in Niterói / RJ. It is a qualitative research, a case study type. To achieve the proposed objectives, a semi-structured interview was conducted. Data analysis was obtained based on Bardin's content analysis. The results showed that the teaching profession and the school routine, have characteristics that can directly affect the well-being and influence the mental health of this worker, triggering psychological suffering such as: stress, tiredness, fatigue, anguish and despair. It was also demonstrated that the interferences of the lack of family participation in the human and school development of students, directly influence the school dynamics. It is important to develop strategies for the promotion and prevention of mental health, as this phenomenon can affect teacher well-being, generating cases of absenteeism and absence from work.

Key Words: Mental health; Worker's health; Teacher.

Resumen

Las situaciones de conflicto entre el individuo y sus experiencias laborales, como estimular la competencia, exigir plazos estrictos, salarios bajos y sobrecarga de trabajo, pueden conducir al riesgo de angustia psicológica. En este sentido, se observa que los docentes sufren varias demandas que pueden interferir en su proceso de trabajo, gracias a las adversidades de la rutina escolar que afectan directamente su salud mental. La investigación buscó comprender las influencias del desempeño en la educación primaria en la salud mental del maestro. El estudio incluyó a 10 maestros de los primeros años de la escuela primaria en las escuelas municipales de Niterói / RJ. Es una investigación cualitativa, un tipo de estudio de caso. Para lograr los objetivos propuestos, se realizó una entrevista semiestructurada. El análisis de datos se obtuvo en base al análisis de contenido de Bardin. Los resultados mostraron que la

profesión docente y la rutina escolar presentan características que pueden afectar directamente el bienestar e influir en la salud mental de este trabajador, provocando sufrimiento psicológico como: estrés, cansancio, fatiga, angustia y desesperación. También se demostró que las interferencias de la falta de participación familiar en el desarrollo humano y escolar de los estudiantes influyen directamente en la dinámica escolar. Se vuelve importante desarrollar estrategias para la promoción y prevención de la salud mental, ya que este fenómeno puede afectar el bienestar de los docentes, generando casos de absentismo y ausencia del trabajo.

Palabras clave: Salud mental; Salud del trabajador; Maestria.

1. Introdução

A doença mental é um fenômeno crescente em todo o mundo. Segundo dados da Organização Pan-Americana de Saúde (2017) mais de 300 milhões de pessoas vivem com algum transtorno mental, um aumento de 18% entre 2005 e 2015. Muitas doenças do homem contemporâneo, após a revolução industrial do século XVIII, surgiram graças aos agentes ambientais e socioeconômicos da sociedade atual.

Segundo dados publicados pelo Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos (2016), no Anuário do Sistema Público de Emprego e Renda, os casos de afastamento por doença no trabalho no Brasil cresceram cerca de 25% entre 2005 e 2015, onde 2,3% dos casos foi por adoecimento mental.

As situações de conflito do indivíduo com as suas experiências laborativas, como estímulo à competição, cobrança de prazos rigorosos, baixa remuneração e sobrecarga de trabalho, também podem levar ao risco de sofrimento psíquico (Dejours, 2018). Neste sentido, docentes sofrem diversas exigências que podem interferir em seu processo de trabalho, graças às características da profissão no primeiro segmento do ensino fundamental e os impactos da rotina escolar que afetam diretamente sua saúde mental.

Estudos demonstram que trabalhadores da área da educação sofrem diversas exigências que podem interferir em seu processo de trabalho, destacando os impactos da rotina escolar na saúde docente, tais como, forte carga emocional, carga horária de trabalho exaustiva, baixa remuneração, fragilidades dos planos de cargos e salários entre outros. Docentes do ensino fundamental são afetados em sua saúde física e mental graças à sua rotina laboral que inclui uma multiplicidade de tarefas, inclusive as que não fazem parte das suas atribuições, como as extraescolares (Melo, 2017; 2018).

Neste sentido, as novas dinâmicas na organização da sociedade e o aumento das exigências do trabalho docente, afetam diretamente a escola, suas prioridades e a prática diária (Silveira; Enumo; Batista, 2014; Oliveira, et al., 2020). Diante do exposto, tem-se como objetivo desta pesquisa: compreender as influências da atuação no ensino fundamental na saúde mental do professor.

2. Metodologia

Trata-se de um recorte de uma pesquisa de Mestrado Acadêmico, desenvolvido na Universidade Federal Fluminense, de abordagem qualitativa, do tipo estudo de caso, realizada com professores que atuam no ensino fundamental da rede pública de educação do Município de Niterói/RJ, Brasil. Realizou-se uma entrevista semiestruturada em duas escolas públicas do Ensino Fundamental dos anos iniciais, no segundo semestre de 2019. As escolas atendem anualmente em torno de 566 alunos e possuem 26 docentes regentes do 1º ao 5º ano de escolaridade.

Fizeram parte do estudo 10 professoras, do quadro permanente de duas escolas do Ensino Fundamental dos anos iniciais do município de Niterói/RJ. A seleção da amostra deu-se pela técnica da conveniência. Foi realizado inicialmente contato telefônico com a direção das escolas para autorização e agendamento da visita às Unidades Escolares. Na primeira etapa a pesquisadora participou de uma reunião de planejamento de equipe em cada unidade escolar, na qual apresentou o projeto de pesquisa e convidou os docentes regentes do 1º ano ao 5º ano de escolaridade a participar da coleta de dados.

De acordo com o Projeto Político Pedagógico da Secretaria de Educação de Niterói: “As reuniões semanais de avaliação e planejamento devem ser de caráter informativo, organizacional, reflexivo e avaliativo, com foco na elaboração, implementação e acompanhamento do Projeto Político, do Plano de Ação anual e do Plano de Trabalho do Ciclo, bem como na formação continuada dos profissionais da Unidade de Educação (SME, Niterói, 2011).

A fim de alcançar o objetivo proposto e analisar a percepção dos docentes em relação às situações vivenciadas por eles no cotidiano escolar em relação aos possíveis prejuízos à sua saúde mental, após as assinaturas do Termo de Consentimento e Livre Esclarecido, de acordo com a Resolução nº 466/12 (Brasil, 2012) do Conselho Nacional de Saúde (CNS), as entrevistas individuais foram realizadas no mesmo dia da visita à Unidade escolar em sala de aula disponível. Foi realizada uma entrevista individual, com roteiro previamente elaborado e

uma pergunta desencadeadora: Quais situações na sua prática profissional você acha que podem afetar a sua saúde mental? As entrevistas foram gravadas em dispositivo digital, e posteriormente transcritas na íntegra, respeitando a linguagem própria e suas opiniões.

O tratamento dos dados foi realizado com base na análise de conteúdo de Bardin (2011), após a transcrição de todas as respostas dos participantes nas entrevistas tomando-se como referência a quantidade de ocorrências de cada uma das UR, totalizando 334 (trezentos e trinta e quatro), correspondendo a 100% da amostra, para delas construir as 4 (quatro) US e daí emergiram as categorias. A presente pesquisa foi aprovada com Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Medicina da Universidade Federal Fluminense, sob o n. 3.941.998 de 30 de março de 2020.

3. Resultados

Com base na coleta de dados, aplicou-se a análise de conteúdo segundo Bardin (2011), selecionando-se as Unidades de Registros – Urs, que foram quantificadas por semelhança e aproximação das expressões significativas e reunidas em 7 grupos: Prática e rotina escolar 33%, cansaço 21%, comportamento dos alunos 19%, diversidade de alunos 9% , questões familiares 13%, falta de apoio da direção 4%, questão de gênero 1%.

No segundo momento, foram definidos os temas para a construção das Unidades de Significação (US), agrupamento das URs e nova quantificação. São eles: Processo de Trabalho 65% (Prática e rotina escolar, comportamento e diversidade dos alunos, falta de apoio da direção); Estresse 21% (Cansaço, fragilidades emocionais e transtornos psicológicos); Família 13% (questões familiares e falta de apoio dos responsáveis); Questão de gênero 1% (Papel social da mulher e múltipla jornada de trabalho).

No terceiro momento optou-se por reagrupar os temas, surgindo as categorias a seguir:

A. Primeira categoria: A organização do trabalho docente e o ritmo da escola (65%), refere-se às características da rotina e do ambiente escolar no ensino fundamental da escola pública como as dificuldades e desgastes em relação ao cotidiano e o ambiente escolar; a falta de motivação e comportamento violento dos discentes; falta de apoio e assédio moral da direção.

B. Segunda categoria: Vivências de sofrimento e prazer do trabalhador docente (21%), que aponta para as fragilidades emocionais que atravessam as subjetividades dos docentes gerando sofrimento psíquico.

C. Terceira categoria: Limitação da prática docente frente ao abandono da família e a história do aluno (13%), que apresenta dados sobre os aspectos familiares que incidem diretamente na dinâmica escolar e na formação humana dos discentes, como violência doméstica, histórico familiar e falta de participação dos responsáveis na vida escolar dos discentes.

D. Quarta Categoria: A jornada de trabalho da mulher professora (1%), o papel social da mulher no mundo do trabalho.

Segundo a teoria da Psicodinâmica do Trabalho de Dejours (2011), a relação do trabalhador com a organização do trabalho pode ser fonte de sofrimento e prazer. Nesse contexto, buscou-se investigar de que maneira a prática no ensino fundamental na escola pública impacta na constituição do docente e seus processos de subjetivação, com foco nas vivências de prazer e sofrimento na relação com as situações do trabalho.

4. Discussão

Primeira categoria: A organização do trabalho docente e o ritmo da escola

Ao longo da história da formação docente, tentou-se estabelecer uma “lista” com as características e habilidades do professor ideal, onde seria possível ditar um conjunto de características que definem a totalidade esperada do perfil docente. Entretanto, todas elas são precárias e longe de aproximar-se da multiplicidade da função docente (Nóvoa, 2017).

Para a PDT (Psicodinâmica do Trabalho) o trabalho é a ação de trabalhar, o movimento do trabalho, é o envolvimento do corpo e da mente do sujeito, da criação, do intelecto e afetos envolvidos para responder a uma realidade que demanda algo específico do sujeito (Dejours, 2004). Conforme a teoria Dejouriana, o trabalho tem demandas a atender, como metas, prescrições, manuais, procedimento; porém no cotidiano, acontecem imprevistos, situações que não foram prescritas e que o trabalhador não sabe lidar (Dejours, 2018).

Sobre os imprevistos cotidianos vividos pelos docentes, destaca-se:

“[...] nos deparamos no dia a dia com crianças cada vez mais com transtornos psicológicos, devido às questões que eles vivem, ou então já nasceram com esses

transtornos [...] é um que bate no outro, é outro que xinga a mãe do outro [...] eu trabalhava numa escola que tinha todos os problemas que você imagina... na hora do recreio, parecia que eu estava no inferno.” (EAC)

O depoimento trás um panorama da dura realidade vivida pelos docentes durante a sua prática no ensino fundamental, onde depara-se com problemas de origens diversas e que impactam na efetivação do ensino e geram consequências para a sua saúde, à medida que este se vê impotente para alcançar a resolução dos objetivos.

Tal situação remete à urgente necessidade da realização de projetos coletivos e a construção de uma rede de ajuda mútua, estabelecendo um processo de referência e contra referência, para o encaminhamento dos discentes que necessitem de suporte psicológico, bem como para os docentes que se sentirem afetados pelas intempéries do cotidiano educacional. Neste prisma, observa-se que o trabalho docente mostra-se múltiplo, construído no cotidiano da prática escolar, nas experiências, nos atravessamentos que surgem na relação com o coletivo, onde “a profissão docente está a evoluir, rapidamente, de uma matriz individual para uma matriz coletiva” (Nóvoa 2017, p.18)

No entanto, de acordo com Nóvoa (2017), diariamente o professor é surpreendido por situações de incerteza, pois mesmo capacitado tecnicamente, não se sabe tudo, mas precisa decidir e agir. Corroborando com esta afirmativa, enfatiza-se o discurso a seguir:

“a grande dificuldade está na relação do dia a dia, até com o próprio aluno, é tanta confusão, é tanta demanda, é o tempo todo resolvendo tanto conflito”. (KF)

O trabalho docente está permeado pelas características individuais do professor e do aluno, da educação oferecida pela família, do convívio com os outros. Frente à organização do trabalho, existem situações prescritas e outras não prescritas, que surgem na imprevisibilidade do dia-a-dia e que requerem competências do docente para minimizar ou sanar o conflito e administrar situações de aprendizagem, que nem sempre estão ao seu alcance. Neste prisma, Nóvoa (2017 p.22), chama a atenção para o fato de que ser professor é ter “[...]capacidade de julgar e de decidir no dia-a-dia profissional. Ser professor não é apenas lidar com o conhecimento, mas lidar com o conhecimento em situações de relação humana.” No entanto, percebe-se que lidar com o conflito, não se compõe uma tarefa fácil para o professor, dependendo da clientela de alunos que ele atende, gerando o sentimento de impotência referido pela depoente.

Conforme a fala a seguir, percebe-se o quanto o ambiente escolar produz angústia nos docentes:

“... o ambiente escolar para mim é tóxico, maluco[...] muito barulho, muita confusão[...] quem está fora da escola não entende a maluquice que é.” (KF)

Diante do exposto, no que se refere ao processo de trabalho docente pesquisado, os resultados indicam que as condições nem sempre são satisfatórias, pois o ambiente escolar no ensino público e a organização do trabalho apresentam características inadequadas. Assim, identificou-se que há elementos que interferem negativamente na saúde mental deste trabalhador.

Os aspectos negativos relacionados às adversidades da vida escolar podem contribuir, conforme estudos de Melo (2018) para o aumento da ansiedade docente e fragilidades em sua saúde mental. Ficou evidenciada nos resultados da pesquisa, a necessidade de apoio psicológico a esta categoria profissional, tendo em vista a forte carga de tensão gerada no ambiente escolar. Há que se pensar em estratégias de promoção da saúde e prevenção de danos, por meio de intervenções de educação continuada e encaminhamentos adequados, como forma de proteger a saúde mental dos professores.

Segunda categoria: Vivências de sofrimento e prazer do trabalhador docente

Esta categoria sugere as fragilidades emocionais e atual condição de sofrimento psíquico destes trabalhadores da educação. Sintomas como cansaço, oscilação de humor e desequilíbrio emocional foram citados de forma recorrente. Sentimentos como desespero e angústia também surgiram nas falas dos participantes. Segundo Mendes (2007), o sofrimento faz parte da condição humana, é algo inevitável em todas as esferas da vida do sujeito. Neste sentido, buscou-se com base na Psicodinâmica do Trabalho (PDT) conhecer as formas como o docente lida com as vivências de sofrimento e prazer no seu cotidiano, quais os recursos utilizados para lidar com as situações de trabalho, e o que acontece no seu quadro mental para que ele permaneça no trabalho ou futuramente adoença. (Dejours, 2011, p.127)

A PDT entende o conceito de saúde não como ausência de sofrimento, mas como uma constante mobilização do sujeito para a criação de estratégias criativas e de construção de sentido, frente às adversidades cotidianas “Como fazem os trabalhadores para resistir aos ataques ao seu funcionamento psíquico, provocados pelo seu trabalho?” (Dejours, 2018, p.9). Destacam-se a seguir as falas dos docentes:

“ Por mais que em muitos momentos você tenha muita coisa bonita, leve, você tem uma carga muito pesada. Você é bem sobrecarregada[...] Je precisa lidar minimamente dentro de um equilíbrio para as coisas fluírem e você não ficar louca ou ficar com a sua sanidade comprometida.” (MM)

Portanto, quando o sofrimento é ressignificado através da mobilização subjetiva, o trabalhador tem condições de desenvolver alternativas para manter-se em equilíbrio psíquico e transformar, desenvolvendo o prazer no trabalho (Mendes, 2007; Dejours, 2018).

O discurso da participante que destacamos a seguir, também demonstra tentativas de elaboração subjetiva do sofrimento, pela construção de ações e modos de agir, para lidar e transformar as fontes de mal-estar que estão vivenciando no trabalho, em estratégias de ensino e de aprendizagem.

"[...] muitas vezes você está pesquisando; você está tentando melhorar o modo de ensinar, mas nem sempre isto é valorizado pelo aluno[...] mas vai ter sempre algum que vai aprender, você ainda vai sentir um prazer por ter alcançado esse objetivo, e vai comemorar porque alguém aprendeu o conteúdo da aula.” (JÁ)

A depoente demonstra sua frustração por nem sempre alcançar a efetiva participação dos alunos, apesar de todo o esforço que faz enquanto docente, buscando formas de despertar a atenção deles. Porém, mantém a esperança de que pelo menos algum aluno aprenda, para ver seu trabalho recompensado, gerando prazer pelo objetivo alcançado. Segundo Oliveira (2019, p. 47), “Quando o trabalhador consegue canalizar o sofrimento, transformando-o através da criatividade, beneficia sua identidade e aumenta sua resistência ao risco de desestabilização do corpo e mente, passando a ser um mediador para a saúde”.

Diante das adversidades vividas no trabalho docente, constata-se um movimento constante para minimizar as frustrações. De acordo com Dejours (2018), os trabalhadores que não adoecem são vistos como “normais”, porém essa normalidade implica no desenvolvimento de estratégias para lidar com o sofrimento, não significa a ausência dele, mas a luta contra as adversidades e o sofrimento no trabalho. Neste sentido destaca-se outro depoimento abaixo:

São muitas as demandas que você precisa dar conta, ou você vai centrar e seguir o fluxo do ano, tentando remediar os problemas, ou você vai apresentar alguma outra dificuldade.” (KF)

Os acontecimentos inesperados que ocorrem no trabalho não prescrito, chamado de trabalho real, atravessam o sujeito e desencadeiam sentimentos de fracasso, sentimento de impotência, medo, angústica, desgaste (Dejours, 2018). Neste sentido, observou-se que na prática, o quantitativo de professores perante o número de alunos por turmas é um fator desgastante, conforme apresenta-se no seguinte depoimento:

“[...] você não consegue desenvolver a prática, por falta do recurso humano mesmo, e aquilo vai dando angústia, você vai ficando angustiada, desesperada, porque você não consegue fazer o que gostaria de fazer e que poderia estar fazendo. (NF)

As diversas situações do trabalho docente impõem ao sujeito a necessidade do desenvolvimento de defesas psíquicas, estratégias de defesa na luta constante entre as adversidades do cotidiano e a luta contra o sofrimento psíquico. “Se o sofrimento não se faz acompanhar de descompensação psicopatológica, é porque contra ele o sujeito emprega defesas que lhe permitem controlá-lo” (Dejours, 2011, p.35). Porém, nem sempre é possível empregar medidas de controle, sem auxílio profissional psíquico para isto.

Diante desta instabilidade constante, quando o sujeito não tem espaço dentro da organização de trabalho para conseguir reelaborar o sofrimento através das estratégias de mobilização (criar, inventar, pensar soluções), o sofrimento torna-se patogênico, o que pode conduzir ao longo do tempo ao adoecimento (Dejours, 2011). Sob este prisma, destaca-se o seguinte depoimento:

“[...] quando você chega numa turma que você encontra muitas dificuldades, [...] você começa a sentir uma coisa se desestruturando, como se fosse uma coisa se quebrando, o que você vai fazer a partir dali?” (KF)

Este sofrimento advindo do trabalho real deveria ser gerenciado de maneira mais funcional e saudável, transformando-se em sofrimento criativo, levando ao prazer no trabalho (Mendes, 2007). No entanto, para Nóvoa (2017, p.24) o ambiente escolar é “o espaço comum, é um espaço de expressão das diferenças [...] um espaço de deliberação conjunta.”

Todavia, o sofrimento patogênico, impede o trabalhador do exercício da sua capacidade criativa no trabalho para lidar com as situações adversas do cotidiano (Dejours, 2011). Neste sentido, a depoente reflete sobre a sua prática perguntando-se:

“[...] o que fazer diante daquilo ali? [...] o que é que eu fiz ali? O que eu estou fazendo ali?” [...] nós somos um docente para lidar com vinte e sete individualidades, vinte e sete diferenças. A partir daí, isso já causa uma dificuldade, e o que você faz?”. (MM)

No processo de sofrimento patogênico o sujeito desenvolve tentativas de reorganizar o seu fazer e reelaborar o mal-estar no trabalho. Quando o docente continua trabalhando mesmo frente aos problemas enfrentados na escola, chamamos de “normalidade sofrente”. (Melo, Bernardo, Silva e Micheli, 2018).

Sobre este aspecto, a depoente faz uma catarse:

“[...] é o tempo todo resolvendo tanto conflito que eu estou ficando doente com isso [...] eu estou” percebendo que eu não estou bem, e eu sei que é o ambiente escolar. Quando eu venho para cá, sinto, eu sou frio, eu fico péssima, fico olhando para o relógio o tempo todo, para o tempo acabar, meus dias se resumem a isso. A ver o tempo acabar, a ver o horário de ir embora e amanhã ter que voltar. (KF)

O depoimento trás à tona a necessidade de ações que promovam o bem-estar destes trabalhadores, pois percebe-se claramente que os mesmos já apresentam fragilidades em sua saúde mental. De acordo com Dejours, (2018), a experiência do sofrimento criativo, e consequentemente levando ao prazer no trabalho, só acontece como possibilidade de enfrentamento das pressões do cotidiano do trabalho, quando há espaço para criação de novos modos de trabalhar, do engajamento do coletivo. (Nóvoa, 2017, p.25)

No entanto, nas falas observam-se situações que atravessam a prática pedagógica como: agressividade dos alunos, desvalorização da figura docente, assédio moral, violência doméstica, e outras questões que se apresentam para além da função da escola. Sendo assim, para gerenciar essa forma de organização do trabalho, que não deixa espaço para mobilização e autonomia do trabalhador, o sujeito acaba desenvolvendo estratégias defensivas para continuar trabalhando. (Dejours, 2018).

A respeito das estratégias defensivas, destaca-se o seguinte depoimento:

“ o maior desafio mesmo é você manter a sua saúde mental até o final da sua carreira. Não tem outra alternativa... (LF)

No entanto, as estratégias defensivas, ao longo do tempo podem levar ao adoecimento, já as estratégias de mobilização desenvolvem a criatividade, transformam o fazer no trabalho e geram prazer ao trabalhador. (Dejours, 2018). Não é de hoje que ouvimos falar sobre a deficiência na formação de professores como se essa fosse a causa única de todos os problemas educativos. Sob esse olhar é muito fácil idealizar professores como “super-heróis”, seres hábeis a tudo resolver. “Daqui à sua responsabilização ou culpabilização vai um pequeno passo.” (Nóvoa, 2017, p.26) Conforme KF:

“ O professor deve ser como uma entidade que sabe de tudo, que tem que dominar tudo, e que não pode adoecer.”

As estratégias defensivas podem produzir falta de sensibilização ao seu próprio sofrimento e/ou de colegas de trabalho. (Dejours, 2018). Neste sentido segue a fala abaixo:

“ Se você está do lado de um amigo e te vê numa situação, o amigo te julga, fala que você não tem domínio de turma, que você não está sendo forte o suficiente e assim, te olha com o olhar de um frágil de fragilizado e não é isso, entendeu?”. (KF)

Como visto anteriormente, quando a organização de trabalho é inflexível, não abre espaço para mobilização e autonomia do trabalhador, o sujeito desenvolve estratégias defensivas, para continuar trabalhando frente às adversidades do trabalho (Mendes, 2007). Essas estratégias fazem o sujeito negar o sofrimento e conseqüentemente não lidar com ele (negação, alienação, racionalização, etc.), levando ao esgotamento e conseqüente afastamento de suas atividades para tratamento de saúde (Dejours, 2018).

Sobre a falta de espaços para discussão, uma depoente evidenciou que:

“[...] a falta de apoio da direção, com relação a algumas situações que acontecem na escola, referente a comportamento de alunos[...] Porque não tem para onde sair, não tem o que fazer. Então a gente acaba tendo que aturar muita coisa sem ter o suporte e vai levando com a barriga[...]a gente não tem para onde correr, onde pedir ajuda entendeu?” (VRB)

Quando as situações de mal-estar começam a ficar muito intensas, ou seja, quando as situações geradoras de sofrimento agravam-se, podem abrir espaço para patologias (Dejours, 2018). Neste sentido, torna-se importante e necessário que haja o envolvimento de todos os que compõem a gestão da rede de educação, no intuito de promover espaços de relaxamento e de trocas, inseridos no contexto da intervenção psíquica para a prevenção de danos e promoção da saúde mental do professor, antes que ocorra a doença mental, e consequente prejuízo a saúde, conforme destaca o depoimento de KF:

“[...] nem eu estou sabendo lidar e não estou sabendo responder o porquê que eu estou assim. Eu só estou sentindo assim, muitas coisas eu estou percebendo mas não estou conseguindo falar, sabe?...a prática está muito difícil, está impossível... Eu por exemplo, estou até mancando, porque eu estou tendo situações psicossomáticas. Estou tendo tendinite, então meu corpo está padecendo”.

Por não encontrar espaços de diálogo e abertura para a autonomia e criatividade, as estratégias defensivas acabam protegendo o sujeito durante algum tempo, porém insensibilizam para aquilo que o faz sofrer, a fonte de mal-estar permanece e com o tempo elas param de funcionar e o adoecimento pode surgir (Dejours, 2018). Desta forma, torna-se urgente que os professores necessitam serem cuidados, pois demonstram claramente que a docência que foi escolhida como profissão, hoje causam-lhes sofrimento.

Com base na análise de conteúdo de Bardin (2011), à luz da interpretação para além do que foi dito pelos participantes e após uma observação criteriosa das falas carregadas de sentido (Severino, 2007), foi possível identificar que os fatores geradores de sofrimento suprimem o prazer de ensinar, à medida que os docentes não conseguem visualizar soluções para os problemas do cotidiano, ocasionando diversos prejuízos à saúde física e mental. Para Dejours (2018) mesmo diante de vários problemas enfrentados no cotidiano laboral alguns trabalhadores desenvolvem mecanismos de proteção psíquicos compensatórios para lidar com o sofrimento para continuar trabalhando, à custa da deterioração da própria saúde.

Terceira categoria: Limitação da prática frente ao abandono da família e a história do aluno

No que se refere à influência e participação da família na vida escolar do aluno, os resultados indicaram que, seja pela ausência do envolvimento dos responsáveis nas atividades

escolares ou pela dinâmica familiar que os discentes vivenciam, existem elementos que interferem negativamente no desenvolvimento pedagógico e humano dos alunos, graças a falta de participação parental, no acompanhamento da aprendizagem, devido ao abandono ou conflitos familiares. Tais fatores exigem ainda mais do professor, tendo em vista a responsabilidade que é transferida da família para a escola.

Conforme Nóvoa (2017, p.18), ser docente é uma profissão do humano, onde deve-se ter uma afinidade e disposição pessoal para a função. Para ele, é necessário uma relação próxima entre o pessoal e o profissional, entre aquilo que somos e aquilo que ensinamos. No entanto, por mais que o professor possua facilidade de relacionamento interpessoal, o histórico familiar e a pouca participação da família no acompanhamento do desenvolvimento dos alunos, pode desencadear nos docentes sentimentos de limitação profissional, frustração e sofrimento psíquico (Souza, 2014). Neste aspecto, a teoria dejouriana aponta para estratégias de mobilização para a redução deste sofrimento gerado pelas situações do trabalho, destacadas nos depoimentos: conversar com os alunos; orientá-los; administrar o envolvimento com as questões pessoais dos alunos; cuidar da saúde mental fazendo terapia, tratamento; não levar questões do dia-a-dia para casa.

Uma das características do trabalho docente é o vínculo afetivo que se estabelece entre professor e aluno, principalmente nos anos iniciais do ensino fundamental, graças a faixa-etária que corresponde ao 1º ao 5º ano de escolaridade, que gira em média de 6 a 10 anos de idade. O docente em sua formação profissional deve permitir vínculos e constantes interações, pois segundo Nóvoa (2017, p.18) “[...]a formação deve permitir a cada um construir a sua posição como profissional, aprender a se sentir como professor.”

No dia-a-dia da prática é preciso compreender que muitas vezes o docente além das características da organização do trabalho, precisa estar preparado para agir num ambiente de surpresas e imprevistos. Os participantes deste estudo são docentes da escola pública que trabalham com uma clientela, em geral, de baixa renda e em risco social. Neste sentido, diversas situações que apontam para a falta de participação familiar na formação humana e escolar dos alunos, surgiram como aspectos que incidem sobre a dinâmica escolar e a formação dos sujeitos. Conforme a depoente HL:

“Os pais não dão limites aos filhos, isso reflete dentro de sala de aula. Respondem o professor, não tem respeito ao professor”.

Na fala dos participantes do estudo revelou-se: violência doméstica, abandono, separação dos pais, dificuldades financeiras e falta de comprometimento dos responsáveis. Observou-se respostas como de LF:

“[...] a gente não sabe o que aquela criança está passando, muitas vezes eu como professora, eu fico assim: ‘o que será que está passando dentro do coraçãozinho dele também?’”.

Estas situações de negligência e falta de apoio familiar interferem diretamente na autorealização profissional docente, gerando sentimentos de angústia, insatisfação e sobrecarga emocional destes trabalhadores. “[...]há um excesso de atribuições e responsabilidades que são “estranhas” às funções docentes, além dos trabalhos extraclasse, estas muitas tarefas que o professor acaba assumindo seriam, na realidade, papel de outras instituições sociais.” (Melo, Bernardo, Silva e Micheli, 2018,).

Sobre a falta de participação da família, demonstra-se na fala a seguir:

“ Cada vez que eu vou procurar socorro e apoio com a família, e eu vejo que a história da criança não permite nenhum socorro, acaba me afetando.” (LF)

É dever da família “proporcionar aos filhos e/ou criança ou adolescente sob sua responsabilidade condições para o seu desenvolvimento educacional.”(Niterói, 2015) Todavia, com base nos dados coletados constatou-se que a falta de envolvimento da família na vida escolar dos alunos e as diversas relações de violência e abandono que estes vivem dentro do contexto familiar, influenciam diretamente na saúde mental docente e no processo de ensino e aprendizagem dos discentes, pela reprodução das situações de violência dentro da escola, pela falta de apoio dos responsáveis no desenvolvimento dos discentes e por deixar marcas na formação humana destes sujeitos.

Quarta Categoria: A jornada de trabalho da mulher professora

Nesta categoria os resultados comprovaram que a mulher ainda sofre com a desvalorização profissional, onde a feminização do magistério contribui para a confusão de papéis entre a profissionalização docente do primeiro segmento de ensino, com o papel maternal e de cuidadora. A sobrecarga de atividades foi evidenciada pela múltipla jornada do

trabalho feminino, que além do trabalho formal é responsável pelos cuidados domésticos e da família.

Com a inserção da mulher no mercado de trabalho, historicamente a profissão do magistério dos anos iniciais foi construída com base em uma visão associada ao cuidado materno, à docilidade, resignação e submissão da mulher (Souza e Melo, 2018). Esta idéia teve início quando da entrada da mulher no magistério, a chamada “feminização da docência”, passando ser considerada “profissão de mulheres” (Ataide e Nunes, 2016, p.174).

A função docente no Brasil requer um olhar histórico, social e cultural que auxilie na compreensão de ser mulher e professora, pois ao longo do tempo esse trabalho foi visto como um dom delegado às mulheres, como produto de uma sociedade patriarcal que designa papéis culturalmente construídos a homens e mulheres nas sociedades em que vivem (Jesus e Barbosa, 2016).

Sobre o amor pela prática docente, apesar dos baixos salários recebidos pela categoria e o acúmulo de tarefas inerentes à questão de gênero, destaca-se no depoimento de LF o envolvimento pessoal na docência:

“Então a prática em sala de aula não é fácil, mas é algo que eu gosto, sabe? Eu vou te falar que eu estou mesmo por amor, sabe que a gente não ganha muito não é? Então é o dom, é por amor, a gente tenta ao máximo ajudar.”

De acordo com Souza e Melo (2018), a idéia de que a mulher tem habilidades inatas para o trabalho docente denota uma confusão entre o profissional e o ato de cuidar. A distribuição dos papéis sociais por gênero, reduziram por muito tempo o território das mulheres ao lar e às atividades domésticas. Deste modo, é importante refletir que os papéis sociais de homens e mulheres vão além das características biológicas de distinção sexual, mas correspondem ao contexto da categoria de gênero (Ataide e Nunes, 2016).

Frente às mudanças na formação das famílias nos últimos anos e com a entrada efetiva da mulher no mercado de trabalho formal, as mulheres acabaram na maioria das vezes com as responsabilidades de múltiplas tarefas, dentro e fora de casa, a mulher passou a participar efetivamente do sustento da família, além do cuidado com os filhos e com o lar. Estudos como de Ataide e Nunes (2016) revelam que homens e mulheres docentes ainda apresentam diferenças salariais, levando-se em comparação a presença de maioria do sexo feminino nos anos iniciais do ensino fundamental e a quase inexistência de homens do primeiro ao quinto anos de escolaridade, onde a faixa salarial é menor.

Neste sentido, além da dupla jornada entre a escola e as atividades domésticas, devido aos baixos salários, assumem outros turnos de trabalho, destacando-se o depoimento de HL sobre este aspecto:

“Por termos baixos salários a gente tem que trabalhar em dois turnos, às vezes até três, depois a gente tem tripla jornada, não é?”

Sob este prisma, enfatiza-se que a formação humana e escolar da mulhe, por muito tempo teve como foco o cuidado com o lar, com o marido e com os filhos. A entrada do gênero feminino no magistério ocorreu graças aos interesses políticos e econômicos, pois já havia diferença entre o salário de homens e mulheres, e por isso a evasão masculina do ensino dos primeiros anos de escolaridade (Ataíde e Nunes, 2016).

Os múltiplos papéis femininos são destacados na fala de HL:

“A mulher faz tripla jornada, acaba trabalhando o dia inteiro e chega em casa, ainda tem que dar conta da casa, de filho, de tudo [...] a gente também leva o trabalho para casa, para fazer em casa, às vezes em um momento de descanso, a gente tem que fazer alguma coisa do trabalho escolar, pois não dá tempo de fazer tudo durante o horário de trabalho.”

A participação prioritária das docentes mulheres nos anos iniciais do ensino fundamental neste estudo, corrobora com a noção de feminização da carreira do magistério neste segmento escolar, e conseqüentemente, a continuidade da desvalorização da força de trabalho feminino, seja pelos baixos salários ou ainda pela baixa visibilidade da profissão. Segundo Ataíde e Nunes (2016) desde o século XIX, verifica-se no Brasil a desvalorização desta categoria profissional. Tal fato é marcante na trajetória das depoentes, conforme destaca JA:

“ [...] você dá o máximo de si, e não é reconhecida, você não é valorizada.”

A entrada da mulher no mundo do trabalho formal não diminuiu suas atividades, ao contrário, colocou-se como uma nova jornada somando-se às atividades domésticas, e por isso, ainda hoje há pouco espaço para o estudo, para a pesquisa e para o investimento no aperfeiçoamento profissional. Pelas múltiplas responsabilidades ou baixo poder aquisitivo,

muitas mulheres fazem escolhas que acabam por influenciar a vida profissional, como o uso do tempo fora do trabalho formal para cuidar da casa e dos filhos, em detrimento dos estudos e aperfeiçoamento profissional, que fazem toda a diferença no mundo do trabalho.” (Jesus e Barbosa, 2016, p.13).

Evidenciou-se nas falas das docentes que, mesmo trabalhando fora de casa e participando efetivamente da renda familiar, a mulher professora tem múltiplas tarefas, pois além das atividades laborais na escola, ela desempenha atividades domésticas, de mãe e esposa no seu contexto familiar, demonstrando a necessidade de homens e mulheres compartilharem as responsabilidades com as tarefas domésticas e o cuidado com os filhos, a fim de promover uma sociedade mais justa e saudável, bem como que exista a possibilidade de investimento pela mulher professora, na própria formação permanente, no intuito de angariar melhores postos e condições de trabalho.

5. Considerações Finais

As questões discutidas neste estudo possibilitaram uma base introdutória para reflexão sobre a docência e suas influências na saúde mental docente, a respeito das situações cotidianas que contribuem para seu sofrimento psíquico, a partir da visão de um grupo de professoras de uma escola pública municipal da região metropolitana do Rio de Janeiro. Observou-se que as principais questões encontradas referem-se à organização do trabalho docente e as características da rotina profissional, como a sobrecarga de trabalho e os desgastes do ambiente escolar. Esses fatores geram cansaço, sofrimento e fragilidades, que acabam afetando a saúde mental, o que pode causar o aumento dos casos de absenteísmos e afastamentos do trabalho.

As vivências familiares e a falta de participação dos responsáveis na formação escolar e na educação integral dos alunos refletem-se na dinâmica dentro da escola e no desenvolvimento da aprendizagem dos alunos, contribuindo para a frustração do trabalho docente. Verificou-se também que a desvalorização profissional, a falta de apoio e as cobranças excessivas, inclusive na vida pessoal fora da escola, contribuem para falta de autorrealização em relação à carreira profissional, interferindo na prática cotidiana e na saúde mental dos professores.

Recomenda-se a elaboração de estratégias de intervenção para a promoção e prevenção da saúde mental do professor com implementação e validação de tais estratégias na

rede de educação pública do município pesquisado, bem como nos demais municípios da federação.

Referências

Ataide, P. C., Nunes, I. M. L. (2016). Feminização da profissão docente: as representações das professoras sobre a relação entre ser mulher e ser professora do ensino fundamental.

Revista Educação e Emancipação. 9(1):167-188. Disponível em:

<http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/reducacaoemancipacao/article/view/4984>

Bardin, L. (2011). *Análise de Conteúdo*. São Paulo: edições, 70.

Brasil. Ministério da Saúde. (2012). Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº466. Brasília, DF: Ministério da Saúde. Disponível em:

http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html Acesso em: 18 jun. 2019.

Dejours, C. (2018). *A loucura do trabalho*. 6. Ed. São Paulo: Cortez-Oboré.

Dejours, C. (2011). *Psicodinâmica do trabalho: Contribuições da Escola Dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho*. São Paulo: Atlas.

Dejours, C. (2004). Subjetividade, trabalho e ação. *Revista Produção*, 14 (3):27-34.

Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65132004000300004

Departamento intersindical de estatísticas e estudos socioeconômicos. (2016). *Dieese. Anuário da Saúde do Trabalhador*. São Paulo.

Jesus, C. S. B., & Barbosa, R. J. S. (2016). Trabalho feminino x nível de escolaridade: uma análise sobre a influência da educação para a inserção da mulher no mundo do trabalho.

Revista Ártemis, XXI: 131-146. Disponível em:

<https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/artemis/article/view/28227>

Melo, L. F., Bernardo, J., Silva, T. C., Micheli, D. (2018). Fatores que Afetam a Saúde Docente: Estudo Introdutório em uma Escola de Educação Básica de São Paulo. *Revista Ensino, Educação e Ciências Humanas*, 19(4). 438-443. Disponível em: <https://revista.pgsskroton.com/index.php/ensino/article/view/5244/0>

Melo, L. F., *et al.*(2017). Políticas Públicas e Rotina Escolar: Uma análise sobre seus impactos na saúde docente. In: 3rd. International Symposium on Adolescence(s): Vulnerabilities, Protagonisms and Challenges & 1st. Fórum (Re)Pensando a Educação, no período de 4 a 6 de outubro na UNIFESP, São Paulo. 3rd. International .

Mendes, A. M. (2007). *Psicodinâmica do trabalho: Teoria, método e pesquisas*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Niterói. Deliberação CME nº 031 de 22 de dezembro de 2015. Aprova a Carta Regimento das Unidades Públicas Municipais de Educação de Niterói. Disponível em: https://www.mprj.mp.br/documents/20184/193909/Deliberacao_CME_n_031_2015_Aprova_a_Carta_Regimento_das_Unidades_Publicas_de_Educacao.pdf. Acesso em: 10 de Out. de 2019.

Niterói. Portaria Fundação Municipal de Educação. Portaria 087 de 12 de fevereiro de 2011. Dispõe sobre a organização da Rede Municipal de Educação de Niterói. Disponível em: <http://www.educacaoniteroi.com.br/wp-content/uploads/2016/04/PORTARIA-FME-087-2011.pdf>. Acesso em: 10 Out. 2019.

Nóvoa, A. (2017). Firmar a profissão como professor, afirmar a profissão docente. *Cadernos de Pesquisa*, [online]; 47(166),1106-1133. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0100-15742017000401106&lng=en&nrm=iso&tlng=pt

Oliveira, A. F. C. (2019). *Indicadores de Prazer e Sofrimento em Trabalhadores de Enfermagem Oncológica*. 162 fp. Tese de doutorado do curso de pós-graduação em enfermagem da Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.

Organização pan-americana de saúde (OPAS). *Com depressão no topo da lista de causas de problemas de saúde, OMS lança a campanha “Vamos conversar”*. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5385:com-depressao-no-topo-da-lista-de-causas-de-problemas-de-saude-oms-lanca-a-campanha-vamos-conversar&Itemid=839.

Severino, A. J. S. (2007). *Metodologia do Trabalho Científico*. São Paulo: Cortez, 2007.

Silveira, K. A., Enumo, S. R. F., & Batista, E. P. (2014). Indicadores de estresse e estratégias de enfrentamento em professores de ensino multisseriado. *Psicol. Esc. Educ*, Maringá; 18(3):457-465 . Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141385572014000300457&lng=en&nrm=iso.

Souza, A. R., & Melo, J.C. (2018). Educadora ou tia: os reflexos da feminização do magistério na construção da identidade profissional de professores (as) da educação infantil. *Inter-Ação*. Goiânia; 43(3):697-709. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/interacao/article/view/48977>

Souza, V. S. S. (2014). Estresse Ocupacional e trabalho docente. III Congresso internacional de ciência, tecnologia e desenvolvimento, no período de 20 a 22 de outubro, na UNITAU, São Paulo. Disponível em: http://www.unitau.br/files/arquivos/category_154/MPH1487_1427392935.pdf

Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito

Vanessa Ramos Pereira – 50%

Geilsa Soraia C.Valente – 50%